

O PROTAGONISMO FEMININO NO SERTÃO NORDESTINO: REAL E FICCIONAL EM *TORTO ARADO*¹

THE FEMALE PROTAGONISM IN THE SERTÃO NORDESTINO: REAL AND FICCIONAL IN *TORTO ARADO*

*Maria Eduarda Negrão de Miranda Lopes*²
*Henriete Karam*³

RESUMO: O trabalho intenta discutir a desigualdade de gênero no contexto do Sertão nordestino, bem como examinar os fatores que colaboram para o atraso no processo emancipatório da mulher sertaneja a partir da obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior. Para tanto, adota-se o percurso analítico-interpretativo dos estudos em direito e literatura (Karam, 2017), a fim de explicitar a correspondência entre ficcional e real no que se refere à violência praticada contra a mulher no sertão nordestino, bem como evidenciar o papel de coadjuvância das mulheres em suas próprias trajetórias e a necessidade de seu protagonismo e voz, uma vez que são habitualmente silenciadas e postas em segundo plano diante da figura masculina e do discurso patriarcal opressor. Busca-se, assim, abordar a (in)efetividade da aplicação dos direitos da mulher, com enfoque no espaço sertanejo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Sertão nordestino; Mulheres; Desigualdade de gênero; Patriarcado.

ABSTRACT: The paper intends to discuss gender inequality in the context of the Sertão nordestino, as well as examine the factors that contribute to the delay in the emancipatory process of Sertão's women through the book *Torto arado*, by Itamar Vieira Junior. Therefore, the analytical-interpretative path of studies in law and literature is adopted (Karam, 2017), in order to explain the correspondence between fictional and real with regard to violence against women in the sertão nordestino, as well as highlight the coadjuvance role of women in their own trajectories and the need for their protagonism and voice, since they are usually silenced and put in the background before the male figure and the oppressive patriarchal discourse. Thus, this paper seeks to address the (in)effectiveness of the women's rights application, focusing on the Sertão's environment.

KEYWORDS: Literature; Sertão nordestino; Women; Gender inequality; Patriarchy.

1 INTRODUÇÃO

¹ Este texto é resultado da pesquisa realizada no âmbito do SerTão – Núcleo Baiano de Direito e Literatura (DGP/CNPq), grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Direito do Centro Universitário FG (UniFG), e contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), mediante verba de bolsa de Iniciação Científica (IC)

² Graduanda em Direito pelo Centro Universitário UniFG. Membro do Núcleo Baiano de Direito e Literatura (SerTão). Guanambi, BA, Brasil. CV Lattes: https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=4D6664E2AFDD1E4A483AE1A8912C0481#. E-mail: mariaeduardalopes077@gmail.com.

³ Mestre em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Direito do Centro Universitário FG (UniFG). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, Professora Convidada do Curso de Especialização em Psicanálise da UNISINOS. Membro Fundadora da Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL). Editora da Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura. Psicanalista. Guanambi (BA), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2166-1321>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2731124187247021>. E-mail: h.karam@terra.com.br.

Sertão nordestino⁴, como conceito geográfico, é uma sub-região do Nordeste caracterizada por ser interiorana e distante do litoral. É uma extensa área de clima semiárido que tem como vegetação predominante a caatinga. Em algumas edições de dicionários, a palavra sertão também vem atrelada à imagem de um local permeado de tradições e costumes antigos.

Sob o espectro histórico-cultural, o Sertão⁵ teve notável importância na história brasileira devido a uma gama de eventos, desde a chegada dos colonizadores às terras sertanejas até o movimento do Cangaço e a guerra de Canudos. Para além das revoltas, o sertão foi e continua sendo responsável por grande parte da carga cultural brasileira, seja na culinária, na música ou na literatura.

Constituído por grandes períodos de estiagem e dificuldades socioeconômicas, o Sertão é uma região que está às margens dos olhos do Estado. Em outras palavras, a má distribuição de recursos corrobora para que haja discrepância entre os grandes centros urbanos e as terras sertanejas, uma vez que as grandes cidades são as primeiras a usufruírem dos frutos do progresso econômico, social e político.

O olhar atento sobre a história do Sertão permite que se compreenda o atraso, que não se constata apenas na economia, mas pode ser percebido, principalmente, nas questões sociais. Dentre as mazelas que se evidenciam na realidade sertaneja, está o lento processo de emancipação feminina, já que uma das características dessa região é o forte patriarcalismo, o qual secundariza e inferioriza a mulher e seus direitos.

Dissertar sobre a mulher sertaneja é lembrar de Maria Bonita e de como a expressão “mulher macho”, mesmo arcaica, reflete a desigualdade de gênero. Em outras palavras, diante das adversidades diárias enfrentadas tanto na esfera doméstica quanto na esfera pública, as mulheres que buscavam independência e respeito eram associadas à figura masculina, visto que força e poder seriam atributos exclusivamente masculinos.

⁴ No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, encontram-se as seguintes acepções para o termo *sertão*: 1. região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas. 2. Terreno coberto de mato, afastado do litoral. 3. A terra e a povoação do interior; o interior do país. 4. Toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos (HOUAISS, A.; VILLAR, M. S., 2001, p. 2558).

⁵ Ao longo desse texto adota-se a grafia Sertão para referir-se ao sertão nordestino.

No Brasil hodierno, não obstante a expansão do debate feminista e a criação de normas legais em benefício da mulher, a desigualdade de gênero ainda é uma realidade revoltante. Dos lares às ruas, mulheres sofrem diferentes tipos de violência e resistem diariamente para não sucumbir ao sistema opressor. Essa realidade se estende expressivamente ao sertão, visto que, como supramencionado, debates sociais também são tardios nessa região.

As constantes e históricas dificuldades em que vivem o povo sertanejo são retratadas em diversas obras como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *O quinze*, de Rachel de Queiroz, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, entre outras tantas. A relevância dessas narrativas no âmbito da literatura brasileira e suas traduções para diversos idiomas⁶ possibilitam avaliar a importância das produções literárias para a visibilidade das problemáticas sertanejas e para a construção de críticas sociopolíticas, por dirigirem os olhares da comunidade nacional e internacional para a realidade do sertão.

É nesse rol de narrativas que se insere o romance *Torto arado*, que tem como *locus* o Sertão. Essa obra, diferentemente das supracitadas, é contemporânea, mas assim como as demais traz temas atemporais para o debate. Dentre as temáticas que ganham destaque nessa narrativa, estão a desigualdade de gênero e a coadjuvância feminina, as quais constituem núcleos temáticos e são representadas a partir das protagonistas da trama. Trata-se, portanto, de uma obra que não só representa a realidade do Sertão, mas que concede voz às mulheres sertanejas.

Do ponto de vista teórico, este artigo tem como objetivo analisar os fatores que obstaculizam a concretude dos direitos das mulheres sertanejas e distanciam-nas de sua emancipação. Busca-se, pois, examinar a posição secundária e marginalizada da mulher em comparação com a figura masculina, utilizando como *locus* ambiente sertanejo. Para tanto, pretende-se traçar a correspondência entre real e ficcional confrontando a realidade vivida pelas mulheres sertanejas com elementos diegéticos da obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior.

⁶ Apenas para ilustrar a relevância internacional dessas obras, pontua-se que: o livro *Os sertões* foi traduzido para dez idiomas, sendo eles: inglês, espanhol, alemão, chinês, dinamarquês, francês, holandês, italiano, russo e sueco. A obra *Grande sertão – Veredas* foi traduzida para nove idiomas: espanhol, inglês, alemão, francês, holandês, catalão, hebraico, polonês e italiano. *O auto da compadecida* também foi de notável relevância, sendo traduzido para oito idiomas, os quais são: espanhol, italiano, inglês, francês, alemão, bretão, hebraico e esloveno. Quanto à obra *Vidas secas*, houveram quatorze traduções, as quais são: inglês, espanhol, alemão, francês, ucraniano, húngaro, polonês, italiano, catalão, turco, japonês, russo, tcheco e grego. Por fim, a obra *O quinze* foi traduzida para sete idiomas: italiano, inglês, alemão, espanhol, português, francês, polonês e japonês.

O método a ser utilizado é o percurso analítico-interpretativo dos estudos em direito e literatura (Karam, 2017), que possibilita investigar as representações literárias da justiça e do direito – evidenciando importantes temas que, presentes nas narrativas literárias, concernem ao direito – e permite vislumbrar a tênue linha que existe entre a realidade e a ficção.

2 TORTO ARADO: PROBLEMÁTICAS SERTANEJAS NARRADAS POR MULHERES

A obra *Torto arado*, publicada em 2018, foi escrita pelo autor baiano Itamar Vieira Junior – que é, também, doutor em Estudos étnicos e africanos. O romance aborda questões sociais que afligem a sociedade brasileira já há algum tempo, o que se reflete na obra, pois são raros e esparsos os indícios que possibilitam situar temporalmente os eventos que compõem a trama. O livro é estruturado em três partes, que se intitulam *Fio de corte*, *Torto arado* e *Rio de sangue*. A narração de cada um desses capítulos é produzida por uma das três personagens femininas imprescindíveis à obra: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, respectivamente. Tendo em vista que o romance é constituído pela composição dessas três produções discursivas, a narrativa resulta de uma tessitura polifônica, já que cada narradora-personagem alude aos acontecimentos a partir de seu ponto de vista, individual e único. Além disso, cabe destacar que são empregadas diversas modalidades de articulação dos episódios narrados, que – seja no interior do capítulo, seja entre eles – ora se sucedem, ora se interpenetram ou mesmo se condicionam reciprocamente. Tais estratégias narrativas favorecem que o leitor considere diferentes perspectivas em sua análise e interpretação dos eventos que compõem a diegese.

A história se passa no Sertão Baiano, na região da Chapada Diamantina, na fazenda Água Negra, e conta a trajetória de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, as quais têm a vida marcada por um acontecimento doloroso, que dá início à trama. A tragédia ocorre quando as irmãs encontram uma faca na mala que a avó escondia debaixo da cama, como algo proibido. Ao cederem à curiosidade de desvendar aquela faca, ambas levam o objeto à boca, fazendo com que uma corte profundamente sua língua, e a outra a perca.

Com a sequência da narração de Bibiana, na primeira parte do livro, fica claro que a irmã que havia perdido a língua fora Belonísia. Daquele momento em diante, a união das irmãs se intensifica, já que uma seria a voz da outra, traduzindo e compartilhando os sentimentos e intenções da irmã através de gestos e olhares.

Belonísia e Bibiana são filhas de Salustiana Nicolau e Zeca Chapéu Grande, que é filho de Donana. O casal também tem outros dois filhos: Zezé e Domingas. Além de serem conhecedores e trabalhadores da terra em que habitam, a família é merecedora de grande respeito por parte dos vizinhos, já que Zeca Chapéu Grande não só é trabalhador rural, como também exerce a aclamada função de cuidador espiritual.

A família faz parte do grupo de trabalhadores rurais da região, e seus membros não possuem direitos sobre a terra ou sobre sua própria vida, trabalhando de domingo a domingo sem remuneração, apenas tendo o “direito” de cultivar uma pequena roça em seu quintal, construir uma pequena casa de barro – jamais de alvenaria, por ser esta mais resistente e transmitir a ideia de posse da terra – e, ainda, devem entregar parte da produção de subsistência ao proprietário.

A primeira parte do livro, *Fio de corte*, apresenta diversos acontecimentos, personagens e contextualizações que são determinantes às outras duas partes da narrativa. Na narração que oferece nesse primeiro capítulo, Bibiana conta, detalhadamente, o acidente que a uniu de forma inseparável à sua irmã, bem como eventos que, da infância à mocidade, marcaram sua vida, de sua família e do povoado.

A primeira parte se encerra com a decisão de Bibiana, grávida de seu primeiro filho, e de parceiro, Severo, de deixarem Água Negra em busca de melhores condições, estudo e conhecimento de mundo.

É justamente com a partida de Bibiana que se inicia a segunda parte do romance – que também recebe o título *Torto arado* –, na qual Belonísia assume o papel de narradora. Além de apresentar a sua versão sobre o episódio inicial da trama e narrar a partida de Bibiana, que a deixou sem voz e representação, Belonísia conta sua história, seu modo de viver e seu sofrimento, deixando transparecer seus pensamentos mais íntimos. Tal sofrimento se disseminou pelas etapas de sua vida, desde o acontecimento que cessou a sua voz até os diversos momentos em que se encontrou sozinha em um casamento abusivo.

Com a narração de Belonísia sobre o mundo em que vivia e de sua vida ao lado de Tobias, é possível perceber a importância do olhar feminino no âmbito do Sertão. Ali, as mulheres não tinham voz ou vez, seus corpos não eram respeitados, elas eram – e, muitas vezes,

ainda são – vistas como meras máquinas multifuncionais destinadas a cozinhar, limpar, lavar e passar roupa, cuidar da casa e do marido, gerar novos escravos da terra e os criar:

Mulher bonita, minha mãe diria, mas maltratada. Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, umas atrás das outras, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas (Vieira Junior, 2018, p.118).

Em sua narrativa, além de refletir sobre seu infeliz casamento e confessar a falta que sua voz fazia em diversos momentos, Belonísia relata a primeira vez que tentou pronunciar uma palavra, algum tempo depois do acidente. Ela conta que, como gostava muito dos trabalhos na terra, escolheu a palavra “arado” e, na medida em que descreve sua experiência, oferece a explicação para o título da segunda parte e, conseqüentemente, do próprio livro:

Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada. Tentei outras vezes, sozinha, dizer a mesma palavra, e depois outras, tentar restituir a fala ao meu corpo para ser a Belonísia de antes, mas logo me via impelida a desistir. Nem mesmo quando o edema se desfez consegui reproduzir uma palavra que pudesse ser entendida por mim mesma. Não iria reproduzir os sons que me provocavam desgosto na casa de Firmina, ou para as filhas de Tonha (Vieira Junior, 2018, p.127).

Belonísia conta também os retornos de sua irmã à casa da família, por vezes como visita, até que a sua volta definitiva. Bibiana havia envelhecido e já contava com quatro filhos. Havia se formado professora, e seu marido, Severo, havia se tornado membro de um Sindicato, sempre participando de congressos e movimentos, e se comunicando com o povo para que criassem consciência sobre seus direitos como cidadãos, direitos que tinham sobre aquela terra e direitos à remuneração por seu trabalho.

Severo incentiva as discussões sobre os direitos de seu povo e torna-se um líder na comunidade. O episódio que une a segunda à terceira parte – que se intitula *Rio de sangue* e na qual Santa Rita Pescadeira, entidade do Jaré, assume a narração – é o assassinato, sangrento e cruel, de Severo, crime que teria como mandante o dono das terras e como motivação as manifestações de Severo em prol da justiça social. Ao relatar a morte de Severo, Santa Rita Pescadeira se refere ao *rio de sangue* ao afirmar:

A fonte do rio era Severo, o senhor que mobilizava os trabalhadores de Água Negra, caído na terra com oito furos feitos à bala. O grito era de Bibiana, prostrada no chão com a cabeça do marido no colo. O rio era de sangue e lágrima, caudaloso, lento, como uma corrente de lama avançando pelas casas e chamando o povo para se unir e fugir da fazenda [...]. Se ainda pudesse montar um cavalo... mas ninguém se recorda de Santa Rita Pescadeira. Não há curador nem casa de jarê. Aos poucos vão

desaprendendo, porque há muita mudança na vida de todos (Vieira Junior, 2018, p. 206).

Após narrar suas impressões da morte de Severo, Santa Rita Pescadeira conta que a família do proprietário foi embora da fazenda. Detalha o luto de Bibiana e de seus filhos, principalmente de Inácio, o mais velho. Mesmo que a vida além de Água Negra não fosse tão diferente quanto à exploração dos trabalhadores e às condições de vida precárias que lhes são oferecidas, Severo cultivou sonhos e lutava por eles, além de nutrir a esperança entre seu povo e sua família. Com a defesa de seus ideais, Severo promoveu mudanças profundas na comunidade: até mesmo Belonísia passou a gostar de estudar e a se interessar por conhecer o mundo, tal como Inácio.

Por seu estatuto de entidade, Santa Rita Pescadeira é um ser atemporal, e sua narrativa conjuga passado e presente como um só tempo. Ela alude ao dia em que Belonísia recuperara a faca de Donana entre as tralhas do marido e relembra as histórias que percorriam aquela faca.

A faca não era mero objeto cortante, unia vários acontecimentos, era um símbolo das histórias de mulheres machucadas pela violência e pelos ditames do patriarcado. Santa Rita relembra o dia em que Belonísia a utilizou para defender Maria Cabocla, vizinha e amiga de Belonísia que estava sendo ameaçada pelo marido, bem como as vezes em que a manteve perto como proteção, caso Tobias, seu finado marido, resolvesse a agredir.

Santa Rita Pescadeira é uma narradora onisciente que relata acontecimentos pretéritos muito remotos. Por conhecer todo o tempo passado, ela desvenda ao leitor a origem da faca de Donana: fora usada por Donana para matar o seu parceiro, que havia abusado sexualmente da filha dela.

Após esclarecer a origem da faca, Santa Rita Pescadeira transita entre episódios das vidas de Bibiana e de Belonísia, destrinchando o luto, a mágoa e a desesperança. Nas últimas cenas do livro, a narradora conta como se apossou dos corpos de Bibiana e de Belonísia, respectivamente, desenvolvendo aspectos particulares da personalidade de cada uma.

O último capítulo do livro revela como sucedeu-se a morte de Salomão. Através de uma metáfora eufemística, o personagem emblemático foi representado por uma onça, que posteriormente cairia na armadilha das irmãs apossadas por Santa Rita Pescadeira. A possessão também foi usada como fator atenuante a fim de afastar julgamentos morais sobre a atitude das irmãs, visto que a entidade tomou seus corpos e consciência para praticar o ato.

Santa Rita Pescadeira narra, pois, que guiou Bibiana todas as noites para a mata para que fizesse a armadilha que seria usada por Belonísia, que também fora empossada, para levar a presa até o fojo. No fim do livro, a narradora afirma que “sobre a terra há de viver sempre o mais forte”, retirando, pois, o título de dominador de Salomão ao transferi-lo para si.

3 A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL CONTRA A MULHER NO SERTÃO

O patriarcado⁷ enquanto sistema de hierarquia sociocultural baseado em gênero, no qual a figura masculina ocupa posição de superioridade, é a mais antiga e enraizada estrutura nas sociedades humanas. Na obra *Sapiens: uma breve história da humanidade*, Yuval Noah Harari (2018) aponta que existem três teorias que tentam explicar a estrutura histórica de submissão feminina diante da figura masculina: a primeira teoria remete à força física como responsável pela posição superior dos homens em relação às mulheres, e a segunda refere-se à agressão e capacidade de coerção das mulheres pelos homens. Contudo, o autor aponta a falta de sentido lógico nessas duas teorias, visto que, se as mulheres não possuem força física equiparável à masculina, porque não dominaram posições de poder baseadas na intelectualidade e na estratégia?

Para Harari (2018, p.165),

As mulheres frequentemente são estereotipadas como melhores manipuladoras e apaziguadoras que os homens e são famosas por sua capacidade superior de enxergar as coisas da perspectiva dos outros. Se há alguma verdade nesses estereótipos, então as mulheres teriam sido excelentes políticas e construtoras de impérios, deixando o trabalho sujo nos campos de batalha para os machos carregados de testosterona e desprovidos de sutileza. Apesar dos mitos populares, isso raras vezes aconteceu no mundo real. Não está nem um pouco claro qual seria motivo.

A terceira teoria, que complementaria a noção das demais no que se refere à dominação masculina sobre a mulher, aborda um possível contrato social/sexual pactuado entre os gêneros. Essa hipótese avalia que a dependência feminina surgiu em decorrência das distintas funções entre o homem e a mulher na reprodução. Enquanto a figura feminina lidaria com a gestação e o cuidado com a prole, o homem enfrentaria os percalços da vida não-doméstica, a fim de sustentar sua família.

⁷ Em síntese, o patriarcado é a “estrutura simbólica que tem como referencial o masculino e que se encontra fundada sobre a idealização do pênis” (Karam, 2002), servindo, portanto, “para designar a dominação masculina que, nas relações de gênero contemporâneas, envolve tanto uma dimensão simbólica quanto estruturas inconscientes e representações sociais” (Castro e Karam, 2020).

Todas as teorias, como dispõe o autor citado, são inconclusivas e apresentam falhas que levam a diversos questionamentos sobre a origem do patriarcado e o porquê de sua longa existência em diversas sociedades:

Essas mudanças drásticas são precisamente o que torna a história do gênero tão desconcertante. Se, como hoje se vem demonstrando de maneira tão clara, o sistema patriarcal se baseou em mitos infundados e não em fatos biológicos, o que explica a universalidade e a estabilidade desse sistema? (Harari, 2018, p.168)

Ainda que, atualmente, o debate de gênero seja mais expansivo na sociedade, os ideais patriarcais se encontram inoculados no comportamento humano. A mulher é vista como objeto de desejo masculino, submissa e conivente com as vontades e atitudes do homem por, simplesmente, ser mulher, o que gera inúmeras consequências na vida feminina, perpassando desde a esfera privada à pública:

O encargo feminino de cuidar da casa e dos filhos, no contexto de sociedade fundada em princípios patriarcais, não representa uma escolha da mulher, mas, sim, uma delegação masculina. No mesmo sentido, não é correto afirmar que a esfera doméstica é exclusiva das mulheres, uma vez que a dominação do homem não se esvai (Nielsen e Castro, 2020)

A ideia de feminilidade estigmatiza o comportamento feminino e calcula, especificamente, os passos que uma mulher deve trilhar e os limites que a cercam a fim de que não seja afetado o ego masculino. Como leciona Pierre Bourdieu (2017, p.12),

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, os olhos dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser.

A desigualdade de gênero também está atrelada à violência, que pode vigorar em diversos âmbitos como o patrimonial, físico, moral, psicológico e sexual. A ideia de que a mulher é inferior e deve submissão ao ser mais forte, o homem, endossa o sistema que marginaliza a figura feminina, suprimindo seus direitos e sua voz.

A partir dessa premissa, Castro e Karam (2020) apontam que,

Sob o viés histórico, para Beauvoir (2016), desde a fixação do homem em territórios e o estabelecimento de institutos sociais – tais como, Leis, propriedade privada, religião, casamento, política, herança, a mulher é relegada à posição de inferioridade. A linguagem cria o lugar de inferioridade social. O privilégio biológico coloca os

homens em lugar de destaque que se perpetua através dos instrumentos de poder que eles mesmos forjaram.

Sob uma análise empírica, com base em dados de 2020, foi constatado o aumento no número de feminicídios e casos de violência contra a mulher no Brasil, colocando o país na quinta posição no ranking mundial do feminicídio. Os dados publicados pela Superintendência de estudos econômicos e sociais na Bahia (SEI), juntamente com o governo do estado da Bahia, mostram que, no período de 2017 a 2020, a taxa de feminicídios aumentou cerca de 52,7%.

Destarte, foi feito um estudo por regiões da Bahia que distribuiu os casos em suas respectivas localidades. O resultado foi que 78,4% dos feminicídios ocorreram no interior do estado, significando que, a cada 10 mulheres violentadas, 8 são do interior. Cabe lembrar que tais dados não correspondem à plena realidade, já que muitas mulheres são coagidas a não denunciar a violência, seja por medo ou por estarem condicionadas a naturalizar e normalizar a violência sofrida.

Se o debate de gênero já se faz complexo nos grandes centros urbanos, no interior a informação tarda a ser difundida. Diante disso, é inegável o atraso no processo emancipatório da mulher inserida no contexto sertanejo, já que a violência de gênero está enraizada em razão da forte estrutura patriarcal.

No que concerne ao fenômeno de enraizamento da cultura machista, é pertinente pontuar que não somente os homens adotam comportamento de subjugação feminina, como também as próprias mulheres. Essa constante é resultado de milhões de anos fundados na crença da superioridade masculina e dependência feminina.

Isso posto, é importante destacar que

O sistema patriarcal, portanto, estabelece-se como o *nomos* histórico da estrutura social e impõe a subjugação da mulher ao domínio masculino. As lutas de gênero, especialmente travadas pelo movimento feminista, trouxeram conquistas significativas à população feminina, embora a almejada desconstrução da hierarquia sexual ainda esteja a caminho, assim como o contexto de inferioridade se mantém no corpo e na mente da mulher (Nielsson e Castro, 2020, p.13).

No contexto sertanejo a subjugação feminina é ainda mais intensa. Principalmente nas zonas rurais, distantes dos centros urbanos, a mulher é condicionada a posicionar-se como coadjuvante da trajetória de um homem. Seja nos primeiros anos de vida perante seus pais e irmãos, até a mocidade e fase adulta, quando pactua matrimônio e é entregue ao poder masculino de seu marido.

No que concerne ao estabelecimento do contexto social desigual entre os gêneros, Nielsson e Castro (2020) analisam que,

As relações domésticas inscrevem-se, preponderantemente, como espaços próprios da dominação masculina. A partir do casamento, como celebração civil e, significativamente, religiosa, o homem constitui-se, tradicionalmente, como chefe e soberano da família, o que condiciona à mulher um status desigual.

Nesse mesmo sentido, aduz Beauvoir que

[ambos] os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina” (Beauvoir apud Nielsson e Castro, 2020, p. 13).

A figura feminina no sertão é fortemente vinculada ao símbolo de fertilidade e domesticidade. Ensinada a não questionar e procurar anuência das figuras masculinas que a cercam, a mulher interiorana, em detrimento da mulher urbana, possui obstáculos acentuados e empiricamente constatados que a distanciam da emancipação.

Os eixos sexuais, morais e patrimoniais da vida de uma mulher sertaneja são continuamente moldados conforme os ditames patriarcais, o que resulta, como anteriormente apontado, em índices elevados de violência de gênero. Embora haja linchamento social da mulher que se atreve a se contrapor à ordem estabelecida, a mais abundante violência que castiga e, muitas vezes, tira a vida de uma mulher vem de seu companheiro e ocorre dentro do próprio lar:

A sensação de amedrontamento que circunda a mulher na relação conjugal, que deveria, em tese, atender a pressupostos afetivos, fortalece os signos da dominação masculina. A subjugação aos mandos do homem, diante disso, mantém-se no cotidiano, embora, por vezes, encoberta por suposta áurea de amor, de devoção, de respeito. (Nielsson e Castro, 2020, p.14)

4 VIOLÊNCIA DE GÊNERO SOB O ESPECTRO LITERÁRIO DE *TORTO ARADO*

Na leitura de *Torto arado*, percebe-se, nitidamente, a violência de gênero nas histórias de cada personagem feminina. As mulheres da trama são criadas para ter e cuidar de filhos. Em outras palavras, devem estar prontas para gerar mais homens para o trabalho e educá-los para que, no futuro, o ciclo se repita.

As trajetórias das personagens da obra revelam a desigualdade entre os gêneros e a dominação masculina do corpo e mente femininos. Por não se enquadrar em um período

histórico específico, *Torto arado* permite a atemporalidade da discussão através da interpretação dos acontecimentos que conformam a narrativa.

A partir da segunda parte do livro é que transparecem as questões de gênero na realidade do sertão. Com a narração de Belonísia sobre seu casamento, tal como o casamento de sua amiga Maria Cabocla, observa-se a figura do marido como coronel de seu próprio lar. O coronel ao qual as esposas devem ser submissas, prestando as atividades conforme a ordem, devendo também assentir às punições injustificadas, às reclamações, traições e abusos.

Sair de casa pode parecer tentador às jovens que buscam a liberdade da vida adulta, mas a realidade é a transferência das mulheres das mãos de seus patriarcas para seus esposos. O matrimônio no sertão, pois, carrega grande poderio cultural e está fortemente ligado à moral e ao valor de uma mulher. Aquela que é bem sucedida no casamento é capaz de dar orgulho ao pai e à terra, pois futuramente renderá bons trabalhadores. Já a mulher que não casa e decide seguir a vida sozinha, ou até mesmo a que se divorcia, não é vista com bons olhos.

Na terceira sessão da obra, *Rio de sangue*, a narradora Santa Rita Pescadeira, entidade da religião do Jarê, que é exclusiva da Chapada Diamantina, onde se situam os eventos narrados – traz para o romance, além de sua representatividade cultural, as histórias ocultas, os segredos que nunca haviam sido revelados. Santa Rita Pescadeira esclarece a razão pela qual Donana escondia a faca, a mesma que decepara a língua de uma das irmãs: ao encontrar sua filha Carmelita sendo abusada pelo padrasto, Donana se revolta e arquiteta a morte do parceiro, que logo depois seria executada. O trauma gerado pela violência desencadeou diversas consequências, entre elas a saída da vítima de casa e seu distanciamento do seio familiar.

Importante mencionar, ainda, que Santa Rita Pescadeira conta que Carmelita, mesmo com sua pouca idade e apesar de sua posição de vítima da violência sexual, pediu desculpas à mãe quando o ato abusivo fora flagrado. Essa atitude de Carmelita evidencia, efetivamente, a culpa que as mulheres violentadas carregam por acreditarem que são elas as responsáveis pela violência de gênero, e que essa violência seja uma consequência natural de sua mera existência.

Em seu relato da violência sexual perpetrada à jovem pelo padrasto, Santa Rita Pescadeira esmiuça os sentimentos de Donana gerando efeitos de repugnância e conduzindo o leitor a compartilhar o sentimento de angústia e culpa de Carmelita e de indignação e revolta de Donana, pelo parceiro.

No plano da realidade, quando se aborda a violência física ou a hostilidade moral e psicológica dirigida às mulheres, por vezes se verifica que uma parcela da sociedade busca justificá-las creditando sua motivação ao comportamento feminino. No romance, quando o tema da agressão sexual é trazido à tona, torna-se árduo explicar o que fez uma jovem inocente para merecer ser estuprada. Denuncia-se, assim, a batalha constante travada pelas mulheres contra o sistema que as oprime.

Ainda no que diz respeito à violência a que as personagens femininas da obra estão submetidas e que representam a realidade das mulheres no mundo empírico, cabe destacar que o casamento de Belonísia pode constituir um importante objeto de estudo sobre a marginalização feminina. A fim de conectar-se com a ilusória e efêmera sensação de liberdade e independência que experimentava sua irmã mais velha, Belonísia casa-se com Tobias. O relacionamento que, mesmo sendo pouco afetoso, parecia carregar respeito, desabou nos primeiros dias.

A primeira relação sexual de Belonísia foi consentida de maneira equivocada, já que obedeceu não ao amor ou desejo, mas, sim, à obrigação. Belonísia deitou com seu esposo naquela noite não porque queria, mas porque lhe fora ensinado que uma das obrigações femininas era oferecer prazer ao marido. Apesar de sua sensação de desconforto e do sentimento de medo, a personagem – a essa altura do romance também narradora – assentiu com o ato sexual, confessando melancolicamente seus pensamentos:

Era como cozinhar e varrer o chão, ou seja, mais um trabalho. Só que esse eu ainda não tinha feito, desconhecia, mas agora sabia que, como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer. Enquanto ele entrava e saía de mim num vaivém que me fez recordar os bichos do quintal, senti um desconforto no meu ventre [...] virei minha cabeça para o lado da janela. Tentei olhar pelas frestas aluz da lua que tinha despontado no céu mais cedo. [...] Ele se levantou e foi se lavar com o resto de água. Abaixei minha roupa e fiquei de costas, com os olhos no teto de palha, procurando flertes de luz. Procurando alguma estrela perdida que se apresentasse como uma velha conhecida, para dizer que não estava sozinha naquele quarto (Vieira Junior, 2018, p.114-115).

No decorrer da trama, Belonísia é surpreendida pela mudança de comportamento do marido. Tobias começa a reclamar de tudo, exigindo de sua esposa aquilo que nem mesmo fazia sentido. A posição misógina se estende: não é só à violência verbal, passa a ser também violência física. Felizmente, Belonísia não demora muito para afastar-se e defender-se de seu esposo.

Diferente da reação de Belonísia é a de sua vizinha, Maria Cabocla. Com o casamento em ruínas e um marido violento com ela e seus filhos, a vizinha era frequentemente socorrida e abrigada por Belonísia para que se reestabelecesse. Mesmo com todos os motivos para fugir ou defender-se de seu esposo, Maria Cabocla retorna ao lar por achar ser esse o seu destino como mulher, esposa e mãe.

Torto arado, por meio da conjuntura religiosa, cultural e histórica apresentada na obra, consegue demonstrar em diversos momentos e de diversas formas a posição de inferioridade feminina. Um dos trechos que valida essa afirmativa encontra-se na narração da festa de Santa Bárbara, à qual o povo de Água Negra prestava devoção.

Zeca Chapéu Grande, além de pai das protagonistas e trabalhador rural, era também líder espiritual da religião de matriz africana chamada Jarê. Nas festas santas, ele emprestava seu corpo para que fosse apossado pelo espírito da santa, deixando evidente a vergonha que sentia por ter de abandonar suas calças e vestimentas que simbolizavam sua posição de liderança para vestir saias e adereços femininos. Ainda que o feminino fosse intensamente associado à santidade e ao cuidado, tudo o que se vincula à feminilidade é subestimado, e seu antagonismo à honra, moral, liderança e poder é inegável.

A análise interdisciplinar da temática do feminino na obra possibilita identificar e contemplar diversos aspectos. Trata-se não apenas da violência explícita, mas da internalização da subjugação feminina no cotidiano social. A necessidade constante de estar ao lado de uma figura masculina coloca a mulher em posição de coadjuvante não só no cenário sociopolítico, mas a condiciona a abrir mão do “eu” em prol do “ele”.

Considerando a construção polifônica do feminino que se verifica em *Torto arado*, bem como a força atrelada às personagens femininas e suas respectivas lutas, o romance também oferece um aparente paradoxo, ao apresentar a personagem Estela. Sua história é resumida ao fato de ser esposa de Salomão, o dono das terras. Diferente das demais figuras femininas da obra, Estela não encontra voz e/ou não vê sentido em expressá-la. Enquanto as histórias de luta feminina causam empatia no leitor, a indiferença de Estela perante sua existência provoca o oposto. Estar ao lado do esposo basta. Ser mãe e cuidadora do lar basta. Abaixar a cabeça em casa e na vida basta.

Estela, diferente do que se imagina, possui papel fundamental na construção do debate de gênero proposto pela narrativa literária. Sua indiferença e apatia acerca da opressão à qual ela e as demais mulheres são submetidas não é exclusiva ou rara.

Pelo contrário, inúmeras mulheres não entendem a necessidade e razão de ocupar seu lugar de fala e lutar pelos seus direitos. Sequer compreendem – e, por vezes, até se opõem – a luta pela emancipação feminina, de modo a transparecer o quanto a cultura machista, advinda de um sistema patriarcal milenar, ainda afeta, mesmo com tantos debates, o cotidiano feminino. Assim como existe uma Belonísia que reage e se revolta, existe uma Maria Cabocla que se conforma. Assim como existe uma Bibiana em busca de revolução, justiça e educação, existe uma Estela que se submete.

Diante de todas as histórias contadas pelas três narradoras, é inegável a magnitude de *Torto arado* quanto à temática de violência contra a mulher. Ao trazer o contexto sertanejo e quebrar estigmas, dando voz às personagens femininas, suas histórias e pensamentos, descobre-se uma nova mulher sertaneja. Aquela que luta e não aceita a opressão. Aquela que mesmo sem entender quem impôs a hierarquia entre gêneros, atreve-se a questionar e a fazer diferente.

Transpassa-se, contudo, o sofrimento de mulheres em um contexto interiorano, de extremo patriarcalismo, desbravando situações de variados tipos de violência contra a mulher, desde a sexual à moral, da psicológica à física, demonstrando a árdua trajetória que a mulher necessita percorrer para fazer frente ao paradigma que ainda vigora na sociedade e que inferioriza a mulher para que ela corresponda às expectativas masculinas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura do patriarcado e a forma como ela se originou e ainda se mantém continua sendo uma incógnita, embora se trate de uma realidade milenar. Entender o porquê de as mulheres serem inferiorizadas e afastadas de seus próprios direitos, em prol da dominação masculina foge à racionalidade, sobretudo quando vem de uma raça de seres que se dizem adeptos da razão.

Na contemporaneidade, ser mulher não é, de fato, tão árduo como já foi em diversos momentos da história da humanidade. Mas isso não significa que seja fácil. Pelo contrário, ainda é muito difícil ser mulher e contrariar o sistema vigente, buscando a liberdade de ser, sem os rótulos e os estigmas fomentados pelo machismo.

Ser mulher ainda é lidar com os limites impostos pela sociedade, implica buscar a dosagem correta das atitudes: nem tão gentil para não parecer oferecida; nem tão séria para não parecer grosseira. Além, é claro, da necessidade de nem tão inteligente a ponto de atingir o ego masculino. Em suma: nem tanto, nem tão pouco. Essa é a medida perfeita e utópica para ser uma boa mulher.

Se os debates já se encontram difundidos – embora muitas vezes mal interpretados – nos grandes centros urbanos, imaginar a vida daquelas mulheres com menor acesso à informação, educação e tecnologia chega a ser angustiante.

A vida no Sertão não deve ser estigmatizada, não pode ser reduzida a algo ruim e maléfico. Se o ponto é atribuir culpa, que não seja ao Sertão ou aos sertanejos. A responsabilidade deve recair sobre a má distribuição de recursos por parte do Estado. O discurso social e político às margens do centro é lento, e a desigualdade é abundante. Não seria diferente com as questões de gênero.

As mulheres sertanejas sofrem diretamente com o preconceito por serem marginalizadas da sociedade central, bem como colhem os frutos podres do patriarcado. Nascem para o trabalho doméstico, para a vida sem expectativas se houver recusa ao casamento e à procriação. Estudar é verbo raro em seu vocabulário, assim como assumir posições de poder e de liderança.

Pertencer ao gênero feminino é lidar com o processo lento de emancipação feminina diante da dominação masculina. É lidar com o julgamento da sociedade e com o próprio julgamento de quem cresceu acreditando que deve se submeter à posição de coadjuvante.

Compreender que a mulher também é sujeito de direitos e que os direitos humanos, abundantemente abordados nas últimas constituições, também se estendem ao grupo feminino é um processo ainda conturbado. Afastar a ideia de que a mulher é um ser incompleto que depende do homem para uma digna existência é um dos pontos principais que levarão a uma possível modificação na pirâmide social vigente.

A obra *Torto arado* é uma representação da conjuntura patriarcal no Sertão. Ao lado de temas tão importantes como o racismo, distribuição de terras, trabalho escravo, religião e cultura, Itamar Vieira Junior consegue desenvolver de forma primordial, do início ao fim do romance, a desigualdade de gênero. Através das narrações de três importantes mulheres, que ganham vida e essência própria, a trama denuncia o preconceito mais antigo da humanidade.

Enquanto se abre para o debate temas diversos, a obra expressa a angústia de ser mulher em cada página, tecendo o tênue limiar que existe entre a ficção e a realidade.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, G.G; KARAM, H. História, Direito e Literatura: uma triangulação em prol do Constitucionalismo. *Revista Opinião Jurídica*, v. 17, n. 24, p. 204-223, 2019. Doi: <http://dx.doi.org/10.12662/2447-6641oj.v17i24.p204-223.2019>.

ANGELIN, Rosângela. Violência estrutural contra as mulheres no Brasil: uma realidade nos espaços público e privado. In: *IV Jornadas del Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género*, 2016, Ensenada, Argentina: Actas. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.9963/ev.9963.pdf. Acesso em: 12 fev. 2022.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/46566139/CANDIDO-Antonio-O-direito-a-literatura-In-Varios-Escritos#download>. Acesso em: 23 fev. 2021.

CASTRO, Ana Maria Vasconcelos Martins de. A busca da linguagem na mudez dos incêndios em Lídia Jorge e Clarice Lispector. *Revista Abril – NEPA/UFF*, Niterói, v. 5, n. 10, p. 101-116, 2013. Disponível em: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/107>. Acesso em: 28 nov. 2018.

CECCAGNO, Douglas. A verdade real do direito e a ficção da literatura. *Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 285-299, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/63/130>. Acesso em: 25 abr. 2020.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. 1948. Disponível em: http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

FARIAS, Adriana Dornelles; SARLET, Gabrielle Bezerra Sales. A violência doméstica e familiar à luz da obra *Hibisco Roxo* e do caso *Maria da Penha vs. Brasil*. *Anamorphosis: Revista Internacional de Direito e Literatura*, v.6, n.1, p. 275-302. Doi: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.61.275-302>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA/Datafolha. *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. 3ª edição, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Sistema de Indicadores de Percepção Social – SIPS. *Tolerância social à violência contra as mulheres*. Brasília: IPEA, 2014. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf. Acesso em: 26 set. 2021.

KARAM, Henriete. *A linguagem e as mulheres*. In: TIBURI, M.; MENEZES, M. de; EGGERT, Edla. (org.). *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 183-191.

KARAM, Henriete; CASTRO, Rosa Lima de Araújo. Direito, narrativa e imaginário social: a representação do feminino e a legitimação da violência contra a mulher. *Revista de Direito da Faculdade Guanambi*, Guanambi, v. 7, n. 2, e314, jul./dez. 2020. Doi: <https://doi.org/10.29293/rdfg.v7i02.314>.

KARAM, Henriete. O direito na contramão da literatura: a criação no paradigma contemporâneo. *Revista Eletrônica do Curso de Direito*, v. 12, n. 3, p. 1022-1043, 2017. Doi: <https://doi.org/10.5902/1981369429566>.

KARAM, Henriete. Entrevista com Lenio Streck: A literatura ajuda a existencializar o Direito. *Anamorphosis: Revista Internacional de Direito e Literatura*, v. 4, n. 2, p. 615-626, 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.42.615-626>.

KARAM, Henriete. Questões teóricas e metodológicas do direito na literatura: um percurso analítico-interpretativo a partir do conto “Suje-se gordo!” de Machado de Assis. *Revista Direito GV*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 827-865, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1590/2317-6172201733>.

LIRA, Kalline Flávia Silva de. *Violência doméstica contra as mulheres: relações de gênero e de poder no Sertão Pernambucano*. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1988, 201p. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16544>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 20 jul. 2021.

OLIVEIRA, Flávia Dall Agnol; SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes. Colonialidade e feminismo subalterno em “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus. *Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 511-527, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.62.511-527>.

Programa Cidades Sustentáveis; Fundação Ford. *MAPA DA DESIGUALDADE ENTRE AS CAPITAIS BRASILEIRAS*. 1ª edição, 2020. Disponível em: <https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/link/mapa-das-desigualdades.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 82-91, out./dez. 1999. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, p. 115-136, 2001 a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SHECAIRA, Fábio Perin. A importância da literatura para juristas (sem exageros). *Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura*, v. 4, n. 2, p. 357-377, dez. 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.42.357-377>.

SCHWANTES, Cíntia; DUTRA, Paula Queiroz. A representação da violência contra a mulher nos contos “Marido”, de Lília Jorge, e “Destino: Sé”, de Simone Paulino. *Revista Raído*, Dourados, v. 10, n. 22, p. 152-165, 2016. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4754/3080>. Acesso em: 27 set. 2021

SILVA, Carolina Reis Theodoro da; PERUZZO, Pedro Pulzatto. A literatura como direito humano. *Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 515-538, 2019. Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/514/pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

STRECK, Lenio. Porque o direito precisa da literatura. *TV e Rádio Unisinos*. 22 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4QnEWihhCL4>. Acesso em: 5 nov. 2019.

TRINDADE, André Karam; BERNSTIS, Luiza. O estudo do “direito e literatura” no Brasil: surgimento, evolução e expansão. *Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura*, n. 3, v. 1, p. 225-257, 2017. Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/326>. Acesso em: 3 mar. 2021.

TRINDADE, André Karam. Direito, literatura e emancipação: um ensaio sobre o poder das narrativas. *Revista Jurídica - Unicuritiba*, Curitiba, v. 3, n. 44, p. 86-116, 2016. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/1739/1133>. Acesso em: 20 jul. 2021

TRINDADE, André Karam. Cultura literária do Direito no Brasil: tributo a Calvo González. *Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura*, v. 7, n. 1, p. 85-114, 2021 Doi: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.71.85-114>.

TRINDADE, A.K; KARAM, H; ALCÂNTARA, G.G. O papel do autor nos estudos na ou através da literatura. *Revista Eletrônica do Curso de Direito*, v. 14, n. 3, p. 1-25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/40148>. Acesso em: 24 fev. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2018.